

## PERDIDA CAMPANHA AGRÍCOLA

# FOME GENERALIZADA EM CABO DELGADO

N. 29/3/88

**Ainda que caia chuva nas próximas duas semanas já não há esperanças**

por Rogério Sitte, nosso correspondente

A ausência de chuvas na província de Cabo Delgado prevalece e mesmo que caia nas próximas duas semanas considera-se praticamente perdida a campanha agrícola 87/88. Uma fonte oficial de Agricultura disse-nos que o assunto deverá ser levado dentro de dias à discussão do Governo Provincial, com aquele sector a propor uma nova declaração de emergência, devido a carência de cereais que se prevê.

A campanha agrícola 87/88 era considerada aquela que melhor preparação teve naquela região do País nos últimos cinco anos, mercê de uma melhor planificação e de algumas medidas do Programa de Reabilitação Económica para o sector.

Previal-se, consequentemente, seguindo-se o curso normal do ciclo das chuvas, uma produção recorde de cereais no sector estatal e um aumento considerável da produção de algodão, no qual só o sector familiar tinha semeado cerca de 15 mil hectares.

Contudo, a partir dos finais de Novembro, começou a registar-se a falta de chuva em toda a província de Cabo Delgado, sobretudo nas regiões mais produtivas, nomeadamente Montepuez, Balama, Namuno e Chiúre.

Dados fornecidos pela Direcção de Agricultura indicam que, entre Setembro e Dezembro de 1987, a maior quantidade de precipitação nas zonas produtivas foi registado em Novembro, estimada em 11,6 milímetros.

Ressalva-se a passagem da depressão «Armen» pela costa da província, que registou uma precipitação anormal durante cerca de uma semana, em Novembro, afectando Pemba e os distritos de Metuge e Mecúfi.

— Foi chuva em excesso, cujo o efeito foi também prejudicial para as sementeiras — disse a propósito uma fonte de Agricultura.

Dada a situação nos princípios de Janeiro, o panorama agrícola em Cabo Delgado afigurava-se então assombroso. A Empresa de Algodão tinha perdido 400 hectares de milho, sendo 350 na Unidade de Produção de Impire e 50 hectares na Unidade de Produção de Nacuca.

A Empresa Agrária de Chipembe perdeu 432 hectares de milho, que correspondia à área total semeada para o primeiro ciclo.

No sector familiar não foi possível avaliar a extensão perdida, enquanto o sector privado tinha perdido pouco, tal facto ficou a dever-se à apreensão motivada pelo atraso das chuvas, pelo que o sector privado não lançou muita semente à terra.

Apesar desta constatação e cumprindo decisões do Governo Provincial, as empresas estatais iniciaram em princípios de Fevereiro o programa de resemeiar as áreas perdidas, com a introdução de culturas do segundo ciclo.

O sector estatal preparou 3 200 hectares de algodão, 1 820 hectares de milho e 480 hectares de feijão. A excepção da empresa de N'Gúri, que fez 100 hectares de arroz, não houve outro sector estatal com esta cultura, devido à falta de chuva.

O sector privado preparou, por sua vez, 757 hectares de algodão, 439 de milho e 250 de feijão, para o sector cooperativo fazer 148, 100 e 228 hectares, respectivamente de algodão, milho e feijão.

O sector familiar lavrou e semeou algodão numa área estimada em cerca de 15 mil hectares. Não há dados de outras áreas das culturas de milho e feijão, sobretudo.

### PANORAMA ACTUAL

De acordo com informações da Direcção da Agricultura, até à semana passada a situação da carência de chuvas prevalecia em todas as regiões produtivas.

Nas empresas do algodão e em Chipembe, cerca de 1000 hectares de

milho estão praticamente perdidos pois, mesmo que caia a chuva, nos próximos dias os rendimentos serão muito baixos. O milho possui bandeiras, mas devido à seca não se fez a formação de espigas e a polinização. Segundo os técnicos, a perda de rendimento, mesmo se chover, seria de 60 a 70 por cento.

Quanto ao algodão, a seca faz com que as plantas não atinjam o seu tamanho normal de desenvolvimento, ficando raquíticas, e, consequentemente, com número baixo de cápsulas, o que se reflectirá nos rendimentos finais em todos os sectores.

A produção de cereais será praticamente nula em todos os sectores e, consequentemente a campanha de comercialização. A Direcção da Agricultura prevê uma fome generalizada com graves carências em todos os alimentos agrícolas.